



NECROLOGIO

DR. SEVERINO PRESTES

A 11 de setembro do corrente anno falleceu o lente cathedratico de direito criminal, Dr. Severino Prestes.

Tudo o que podessemos dizer sobre a immensa perda que soffreu a Faculdade com a morte desse intelligente e illustrado collega ficaria aquem do que, em eloquentes palavras, exprimio o Dr. Aureliano Coutinho, Lente de Historia de Direito, no discurso que em seguida publicamos.

Meus Senhores (*)

Antes que para sempre sejam cerradas as portas, que vão separar o Dr. Severino Prestes do mundo dos vivos, deixai que eu lhe diga duas palavras de sentido adeus.

Valente e glorioso companheiro de jornada—pujante e esforçado lidador das lides scientificas—eis-te ahi na triste posição de vencido, a que te não havias habituado!

(*) Obtivemos do orador Desembargador Aureliano Coutinho este bello discurso, que deixou de ser lido ante o cadaver do dr. Severino Prestes, porque a doença do orador e a tarde invernosa do dia do enterramento não lhe permittiram ir ao cemiterio.

Aqui o publicamos como homenagem ao morto e como expressão dos sentimentos do orador e de seus collegas da Faculdade de Direito.

E nós estamos aqui a fitar os olhos n'este forte prostrado e envolvido na poeira, nós, que sempre o tínhamos visto erecto e entusiasta, lutador ardido e incançavel.

Pungente contraste! Mas tal é a miserrima condição das coisas terrenas, tal o fugidio luzimento de todas as nossas glorias.

E' sempre assim: depois dos tóques suaves do arreból matutino e dos clarões offuscantes do sol no zenith, tingem-se os céus da tarde com os tristes desmaios da luz crepuscular!

Nessa frente de 36 annos, em que ainda ardia o fogo das aspirações e sempre reverberára a luz do saber, veio a morte extender seu véu de pallores e imprimir seu sello inquebravel.

Onde estão agora as grinaldas de loiros, que esta frente pallida ambicionára outr'ora e a que tinha indisputavel direito?

Eil-as ahi, trocadas por essas coroas funebres, ultimo adejo de uma saudade, que se extorce em maguas dilacerantes, ultimo tributo de uns affectos que se desafozam em lagrimas candentes. Mas as rajadas da noite e as inclemencias do tempo muito em breve desfolharão essas ephemeras mensageiras do amor e da saudade, e os «trabalhadores da morte» vão já iniciar sua faina destruidora.

E' por isso que quando me acho, como agora, ante um tumulo aberto para receber os despojos de uma grandeza decahida, acóde-me sempre e inevitavelmente ao espirito esta phrase, que a posteridade recolheu ha mais de dous seculos e que cahira sobre o catafalco de uma das potestades da terra: «Deus só é grande!»

Sim, só Deus é grande. No meio do turbilhão de coisas, que fulgem rapidamente e rapidamente se transformam, como elementos da elaboração vital, só a magestade de Deus permanece imperecível, como o eixo estavel de um mundo em perpetuo movimento desfazendo-se para se refazer novamente.

Mas, si a immensidade de Deus se revela nos esplendores e nas pompas da natureza, na curva infinita dos mares e dos céus, não é menos certo que o porte alevantado de certos espiritos e de certos corações é tambem uma próva irrefragavel da grandeza do Creador. Ora, um alevantado espirito e um grande coração animaram até hontem essa materia inerte e quasi putrefacta, que nós viemos aqui entregar á voracidade da terra e á escuridão do tumulo.

Tributemos, pois, nossas homenagens—não ao cadaver, que ora é reclamado pelo pó e pelos vermes—á grandesa moral que habitava n'elle e que ainda não morreu.

Foi na argila, sómente n'ella, que a morte tocou. A ponta da aza formidavel passou ali, mas não attingiu a grandeza moral que provocava nossas admirações; porque essa hade permanecer em nossa memoria, como em urna de resistente cristal perdura inextinguivel, ao menos por dilatado tempo, o effluvio de um perfume delicado.

Os reflexos do talento do dr. Severino Prestes não morreram; ficaram aqui e hão-de brilhar amanhã no espirito daquelles que foram seus discipulos.

Os éstos de sua generosidade, as elevações de seu character, as vibrações nobilissimas de sua natureza moral tambem não vão atufar-se com elle na medonha voragem do tumulo; são outras tantas reli-

quias sagradas que hão-de jazer intactas no coração de sua desolada familia e na lembrança de tantos amigos que o presavam tanto.

Já quasi na hora extrema e ante-vendo-a, elle chamou os irmãos, que como pai educára, e disse-lhes: «Adeus! Aprendam como se morre!»

Aproveitando os ultimos lampejos de uma luz que ia fenecer, foi esta a ultima lição que elle dava aos seus; lição complementar de tantas outras, em que, com o exemplo, lhes ensinara como se vive nobre e abnegadamente e como se conquistam o affecto da familia e a estima publica.

Nós aqui, á beira desta sepultura—na orla da linha tenue, que separa o mundo das illusões e o mundo das realidades; nós, que em breve teremos de seguir o finado na inevitavel jornada, em busca de uma luz que nunca desfallece e de uma esperança que nunca mente; nós todos viemos depôr n'esta argila pallida um osculo fraternal, antes que ella se decomponha, e dizer sobre este tumulo, antes que elle se feche:

Dorme em paz, sementeiro e athleta da verdade!
Boa noite, amigo!